

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **O PAPEL DAS ABREVIATURAS NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO PRONOME VOCÊ**

*Elaine Chaves* (UFMG)  
[elainechav@hotmail.com](mailto:elainechav@hotmail.com)

Falar sobre abreviaturas, a primeira vista, pode parecer um terreno árido. Porém, o estudo das abreviaturas das formas de tratamento Vossa Mercê e Você nos trouxe grandes contribuições para documentarmos estágios do processo de gramaticalização que estas formas sofreram. Neste artigo temos como objetivo geral apresentar algumas etapas do estudo que desvenda a relação existente em as abreviaturas e o uso das formas Vossa Mercê e Você.

Este trabalho se apoia nos resultados obtidos na dissertação de mestrado “A Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas”, Chaves (2006).

Utilizamos como suporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança, nos moldes da Sociolinguística Variacionista, Labov (1972, 1994). A amostra é composta por cartas pessoais manuscritas das primeira e segunda metades do século XIX e da primeira metade do século XX, procedentes de Minas Gerais, da Bahia e do Rio de Janeiro. Foram selecionadas 150 cartas com 392 ocorrências dos pronomes sendo 175 ocorrências de Vossa Mercê e 217 ocorrências de Você.

A nossa hipótese inicial era que o uso das abreviaturas, de forma geral, não é feito de maneira assistemática, e ainda, nos oferece pistas contumazes para a descrição de processos de gramaticalização. Escolhemos o processo de gramaticalização que tem como ponto de partida o uso do tratamento nominal Vossa Mercê e como ponto de chegada o pronome Você.

Podemos apontar seis razões que nos levaram a desenvolver essa hipótese. A primeira delas surge da recorrente menção na literatura de que as abreviaturas constituem algo assistemático: “Abreviaturas. No existen reglas para su utilización y, por lo general, el uso popular impone las formas de abreviar una palabra.” ([www.belcart.com](http://www.belcart.com)).

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Dado o grande número de abreviaturas e sua alta frequência em diferentes gêneros textuais, colocamo-nos o desafio de rejeitar o caráter caótico desse tipo de ocorrência, e desvendar alguma sistematicidade no seu uso.

A segunda razão surgiu ao analisarmos as várias obras que descrevem o percurso sócio-histórico das formas de tratamento. Através dessa análise, pudemos identificar dois vínculos entre os itens Vós, Vossa Mercê e Você: formas de reverência endereçadas ao rei que depois perderam esse estatuto. Todos constituem itens de referência indireta ao interlocutor, mas apenas os dois primeiros alcançaram o estatuto de forma de reverência. Por outro lado, os três sofreram perda de status social, se tivermos como referência o perfil do interlocutor pretendido, isso fica mais claro.

Por mais atenta que seja a leitura da bibliografia sobre o tema não se consegue identificar uma datação para esses vínculos. Podemos identificar sugestões e suposições a respeito, mas falta documentação capaz de fornecer a datação de cada etapa.

A terceira razão está intimamente ligada à segunda. Fontanela de Weinberg (1987) aponta o uso de formas abreviadas como um dos obstáculos à realização de datação, pois impediria a documentação das diferentes etapas do processo de gramaticalização.

A quarta razão que apresentaremos aqui é o fato de observarmos que em dicionários de abreviaturas, como Flexor (1985), havia um número muito grande de formas de se abreviar esses pronomes coexistindo em um mesmo período.

A quinta razão se expressa por meio da relação entre a recomendação de uso das iniciais maiúsculas nas abreviaturas de tratamentos e o próprio uso dessas abreviaturas, com iniciais minúsculas, desobedecendo à recomendação.

A sexta e última razão é o apontamento de evidências, em Gonzalez (2002), de que esse grande número de formas de abreviar uma palavra vem da sua evolução histórica.

Temos o propósito de mostrar que o problema apontado por Weinberg, ao contrário do que afirma a autora, não chega a impossibilitar a identificação dos estágios do processo de gramaticalização.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Argumentaremos que as abreviaturas constituem um recurso relevante na datação. Pretendemos mostrar que as próprias abreviaturas evoluem no eixo do tempo e isso decorreria do fato de as abreviaturas não serem indiferentes às transformações que afetam o item.

Em outras palavras, pretendemos documentar o processo de evolução das abreviaturas de *Vossa Mercê* e *Você* num espaço de tempo claramente delimitado, pertencente ao Português Brasileiro. Acompanharemos as transformações que afetaram as abreviaturas desses itens, no período de 1800 a 1954.

O desenvolvimento do trabalho deu-se através de três etapas: (i) em uma primeira análise quantitativa, procuramos verificar se os dados com os quais estávamos trabalhando apresentavam as mesmas características de alguns estudos desenvolvidos sobre o assunto, a saber, Rumeu (2004), Lopes e Duarte (2003, 2004), Silva e Barcia (2002), Machado (2006); (ii) em seguida fizemos um detalhamento sobre o uso das abreviaturas com o objetivo de descrever a evolução histórica dessas formas no Português Brasileiro e (iii) após a descrição da evolução histórica das formas estudadas, fizemos uma segunda análise quantitativa tendo como variável dependente as iniciais das abreviaturas (se maiúsculas ou minúsculas) de *Vossa Mercê* e de *Você*.

A partir da primeira análise quantitativa pudemos perceber, tomando a variante *Você* em relação à variante *Vossa Mercê*, resultados muito próximos dos estudos elencados acima a respeito da gramaticalização do item e das relações sociais abstraídas das relações diádicas de poder e solidariedade.

No que toca as relações interpessoais Rumeu (2004) verificou que no século XIX o tratamento *Vossa Mercê* era utilizado entre pessoas de nível social equivalente, como entre amigos ou entre primos, utilizava-se o *Vossa Mercê*. Lopes e Duarte (2003, 2004) e Silva e Barcia (2002) verificaram que o *Vossa Mercê* ainda era utilizado como forma de cortesia. Lopes e Duarte (op. cit.) ainda apontam para um uso mais vulgar da forma *Você*.

Obtivemos também um detalhamento a mais em relação às variantes concorrentes, uma vez que avaliamos a relação da variável dependente com cada uma das variáveis independentes, a saber, fun-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

ção sintática, pessoa verbal, subparte da carta, tipo de referência do endereçamento, tipo de relação social, tempo, assunto e gênero. Dessa maneira nos foi possível argumentar a favor da ligação existe entre uso de tratamentos e suas abreviaturas.

Tomando a variável dependente iniciais das abreviaturas, compostas pelas variantes iniciais minúsculas e iniciais maiúsculas, tornou-se necessário explicar como poderíamos trabalhar com variantes gráficas. Ou seja, estamos considerando aqui as abreviaturas como variantes gráficas. O que seriam então as variantes gráficas? Para entendermos essa nova possibilidade de variantes, buscamos em Maquilhas (1988) o conceito de variantes gráficas. Estamos entendendo como variante gráfica formas reunidas em um mesmo conjunto de aspectos gráficos que sejam compreensíveis sem necessitar da oralidade. Maquilhas irá dividir as variantes gráficas em três categorias, uma das quais nos é de profunda importância e será nela que nos deteremos. São essas categorias: a) capitalização da inicial – presença ou ausência de inicial maiúscula; b) etimologização gráfica – presença ou ausência de sistemas gráficos clássicos feitos a partir de empréstimos e; c) acentuação e hifenação – presença ou ausência de sinais não alfabéticos.

A categoria em que nos deteremos é a capitalização da inicial. A capitalização da inicial é um elemento suprasegmental e abstrato, pois, ultrapassa “o nível do grafema enquanto unidade discreta e se aplica a sequências inteiras de grafemas e só pode ser entendido com uma instrução para se transformarem grafemas não marcados em grafemas marcados” (MAQUILHAS, 1988, p. 124). Esse tipo de “realce” traz consigo informações semânticas que têm a ver com o conceito de grandeza: “geográfica (topônimos em geral), de consagração social (vocabulário aristocrático, nomes profissionais), de consagração espiritual (vocabulário religioso), de número (nomes referentes a comunidades humanas) etc.” (*idem*, p. 126). Essas informações semânticas são de profunda importância para este estudo quando pensamos no conceito de grandeza na consagração social em que o uso de iniciais maiúsculas ou minúsculas em palavras de um mesmo tipo de vocabulário “revela uma hesitação quanto aos contornos precisos de grandeza semântica cristalizável em termos gráficos.” (*idem*, p. 126).

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

É justamente essa a nossa hipótese. O uso das abreviaturas é feito de forma sistemática e esse uso pode ser verificado através da relação entre a escolha da forma de se abreviar levando em conta o interlocutor. Sendo assim, a relação semântica entre o uso gráfico e o conceito de grandeza nos leva à relação posição social, hierarquia e grafia. Para verificar essa hipótese, é necessário comprovar a sistematicidade na flutuação das abreviaturas. Caso haja sistematicidade, será possível descrever a flutuação dessas formas como variação e chegar assim ao estudo diacrônico de um conjunto de abreviaturas, mais exatamente, ao conjunto de abreviaturas de formas de tratamento.

Caracterizada a variável dependente, descreveremos as variáveis independentes para em seguida apresentarmos os resultados concernentes à verificação da hipótese acima exposta. Faremos esta verificação em duas etapas: através da observação e sistematização das abreviaturas encontradas e através da análise quantitativa das seguintes variáveis independentes: função sintática, pessoa do verbo, subparte da carta, tipo de referência no endereçamento, tipo de referência social, tempo, gênero e assunto. O Goldvarb (2001) selecionou como fatores relevantes: o assunto, o gênero, o tipo de referência social, o tempo, o tipo de referência no endereçamento e a pessoa do verbo.

Passando para a primeira etapa, devemos considerar os apontamentos de Gonzalez (2002) e de Maquilhas (1988), sobre a flutuação das formas de abreviaturas evoluem no tempo e as variantes gráficas poderem descrever esse processo. Grosso modo, a partir dessas informações, podemos dizer que o processo de gramaticalização que envolve a transformação de Vossa Mercê em Você também pode ser observado no uso das abreviaturas, pois espelham a atuação de processos abstratos, apresentando uma evolução.

Observamos a evolução das abreviaturas sobre dois aspectos: 1) a perda dos diacríticos e 2) a capitalização das iniciais.

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

**Quadro 1:**  
**Escala de variação dos pronomes de acordo com a perda dos diacríticos**

	Acen- tos	Cedi- lhas	Aspas simples e du- plas	Ponto abrevia- tivo	Letra sobres- crita	Acen- tos	Cedi- lhas	Aspas simples e du- plas	Ponto abrevia- tivo	Letra sobres- crita
	Vossa Mercê					Você				
1ª me- tade Do XIX	—	—	Vm <sup>m</sup> Vm <sup>ce</sup> Vm <sup>ce</sup>	vm. <sup>cc</sup> Vm. <sup>cc</sup> vm. <sup>ces</sup>	vm. <sup>cc</sup> Vmc <sup>c</sup> Vm <sup>cc</sup> Vm. <sup>cc</sup> vm. <sup>cc</sup> Vm <sup>c</sup> vm <sup>ces</sup> VM <sup>ce</sup> Vm <sup>cc</sup> vm. <sup>ces</sup> vm <sup>c</sup> Vm <sup>ce</sup>	—	—	—	—	vo <sup>cc</sup>
2ª me- tade do XIX	—	—	—	Vm. <sup>cc</sup> Vm. <sup>ces</sup>	Vm <sup>cc</sup> Vm. <sup>cc</sup> Vm. <sup>ces</sup>	—	—	—	—	Vac <sup>c</sup>
1ª me- tade do XX	—	—	—	Vm. <sup>cc</sup>	Vm. <sup>cc</sup>	—	—	—	VC. V. <sup>cc</sup> v. <sup>cc</sup>	VC <sup>cc</sup> VC <sup>ces</sup> V. <sup>cc</sup> v. <sup>cc</sup>

**Quadro 2: Substituição da inicial maiúscula pela inicial minúscula**

	Vossa Mercê	Você
Iniciais Maiúsculas > Iniciais Minúsculas	VM <sup>ces</sup> > VM <sup>cc</sup> > VM > Vm <sup>ces</sup> > Vm <sup>cc</sup> > Vmc <sup>c</sup> > Vm <sup>c</sup> > Vm <sup>m</sup> > Vm > vm <sup>ces</sup> > vm <sup>cc</sup> > vm <sup>c</sup> > vm	Voce > VC. > VC <sup>cc</sup> > V. <sup>cc</sup> > Vac <sup>c</sup> > Voces > vo <sup>cc</sup> > voses > vocês > voces, vose > voçê > voçê > você > você > voce > ocê > v. <sup>cc</sup>

Pudemos perceber que:

- a) as formas com ponto e sem ponto abreviativo convivem por todo século XIX;
- b) as variantes do Você abreviadas com ponto e com letras sobrescritas aparecem no século XIX e ocorrem juntamente com a forma plena desse pronome, que se firma como a de uso mais comum até meados do século XX;
- c) as abreviaturas do Vossa Mercê quase não apresentam diacríticos. As letras sobrescritas e o ponto abreviativo são usados até o desaparecimento do Vossa Mercê e entrada do Você por extenso;
- d) podemos perceber o percurso VM>Vm>vm, e

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

- e) podemos retomar a perspectiva de que o *vm* representa a grafia de uma estágio do *Vossa Mercê*. Como evidência temos a abreviatura *vo<sup>ce</sup>* que parece corresponder ao estágio *vosm'cê*>*você* e a abreviatura *Va<sup>ce</sup>* que parece corresponder a *Vance*.

Estes são os primeiros resultados que pudemos apresentar sobre o tratamento qualitativo que procuramos dar às abreviaturas. Através dele pudemos descrever o percurso histórico do uso das abreviaturas e apontar para a sistematicidade no seu uso. Com a análise quantitativa que faremos a seguir procuramos perceber quais são os fatores que interferem diretamente neste processo e que auxiliam na descrição do processo de gramaticalização evidenciando os estágios a compõe.

A seguir avaliaremos cada uma das variáveis independentes que se mostraram eficazes para a análise. Torna-se necessário destacar que a escolha dessas variáveis se deu a partir da necessidade de relacionarmos as variantes gráficas ao contexto de uso, por isso escolhemos a variável Assunto (público/privado); à relação social, por isso selecionamos a variável Tipo de Referência Social (igualitária/hierárquica); a hierarquia social expressa, adotamos para isso a variável Tipo de Referência Expressa no Endereçamento (Ilustríssimo Senhor e Senhor, parentesco, nome, amigo), para maior detalhamento sobre a composição dessa tipologia, ver Chaves (2006). Optamos também por relacionar as formas variantes com a variável Tempo para que tivemos identificados os períodos correspondentes aos estágios de gramaticalização, e a variável gênero para observar o comportamento de homens e mulheres. Observamos também a variável dependente interna Pessoa do Verbo para que pudéssemos perceber o comportamento das formas variantes no processo de pronominalização de *Você*.

Quanto à variável Assunto, o assunto privado favorece o uso da variante inovadora (0.68 privado e 0.10 público). Este resultado corresponde à nossa expectativa de que a variante inovadora ocorresse em maior número em assuntos menos formais. Isso constitui uma evidência da sistematicidade do uso das abreviaturas. Vejamos a tabela a seguir:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Assunto	No.	%	PR
Privado	228/286	79	0.68
Público	28/106	26	0.10
Total	256/392	65	

**Tabela 1:**  
**Distribuição do uso de minúsculas em abreviaturas, conforme o assunto da carta**

O programa selecionou também o fator gênero. O que notamos é que o fator gênero está refletindo o fator assunto, assim o assunto privado corresponde ao uso da variante inovadora pelas mulheres (0.75) e o assunto público o uso da variante inovadora pelos homens (0.31), como pode ser visto na tabela 2.

Gênero	PR
Feminino	0.75
Masculino	0.31

**Tabela 2:**  
**Probabilidade de ocorrência de minúsculas considerando o fator gênero.**

O que o fator gênero nos mostrou de mais revelador foi o tipo de relação entre remetente e destinatário: i) entre mulheres: o uso da variante inovadora é quase unânime; ii) de mulher para homem as duas formas são usadas; iii) entre homens ocorrem as duas formas, mas é mais comum a canônica, e iv) de homem para mulher é mais comum a variante inovadora.

Tipo de referência social nos mostrou que a probabilidade de ocorrência da variante inovadora em contextos igualitários é 0.60 e em contextos hierárquicos é 0.35.

Tipo de referência social	No.	%	PR
Igualitária	166/226	73	0.60
Hierárquica	90/166	54	0.35
Total	256/392	65	

**Tabela 3: Distribuição do uso de minúsculas em abreviaturas, conforme tipo de referência social.**

Estes números corroboram a nossa hipótese de que a variante inovadora deveria ser mais comum em contextos igualitários.

A variável Tempo nos mostrou que a probabilidade da variante inovadora ocorrer na 1ª metade do século XIX é 0.33, na 2ª metade é 0.69 e na 1ª metade do século XX é 0.68. Podemos perceber



## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

um uso crescente da variante inicial minúscula, delineando, assim, o seu percurso.

Tempo	No.	%	PR
1800-1850	44/100	44	0.33
1851-1899	59/120	49	0.69
1900-1954	153/172	88	0.68
Total	256/392	65	

**Tabela 4: Distribuição do uso de minúsculas em abreviaturas, conforme o tempo**

Na tabela temos um substancial aumento das iniciais minúsculas na 1ª metade do século XIX de 0.33 para 0.69, na 2ª metade do século XIX e sua manutenção (0.68) na 1ª metade do século XX.

Na primeira metade do século XIX, a probabilidade das abreviaturas com iniciais minúsculas ocorrerem é de 0.33, na segunda metade do século, 0.69, na segunda metade do século, ao passo que na primeira metade do século XX essa probabilidade apresentando o valor de 0.68.

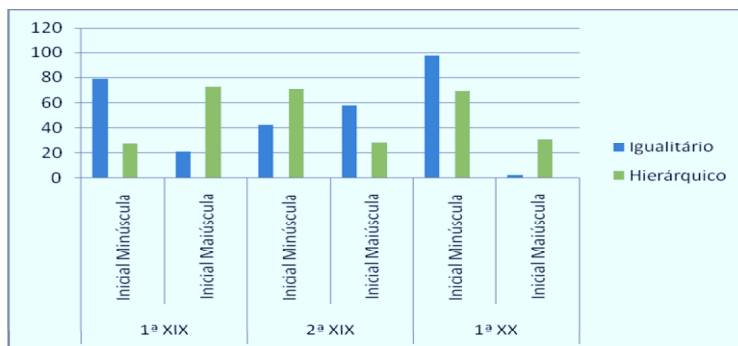
De acordo com as gramáticas do século XIX a regra para a escrita dos pronomes de tratamento é com letra maiúscula, da mesma forma que nas gramáticas do século XX temos todas as formas abreviadas escritas com iniciais maiúsculas, com exceção da abreviatura do *Você*<sup>3</sup> que vem em minúscula. Comparando os pesos relativos apresentados e o uso da regra, podemos dizer que temos a nossa hipótese confirmada, pois, o período delimitado mostra uma alteração na escrita dos pronomes de tratamento.

O fator tempo funciona intimamente ligado ao contexto histórico. Os resultados apresentados por esse fator representam a comunidade de fala do período, observando dessa forma as turbulências políticas e sociais agem incisivamente em cima dos mesmos. Pensando dessa forma, podemos dizer que a tabela 5 retrata uma mudança significativa e que sobre ela, existem fatores sociais agindo.

Fazendo o cruzamento do fator tempo com o fator tipo de relação social, podemos delinear o uso das abreviaturas.

---

<sup>3</sup> Acreditamos que o pronome *Você* seja abreviado com letra minúscula por ser pronome de igualdade e de intimidade e não de cortesia e deferência como os outros que compõem o quadro.



**Gráfico: Cruzamento entre os fatores tempo e relação social.**

Neste gráfico pudemos perceber que o uso da inicial minúscula em detrimento da maiúscula nas relações igualitárias era o esperado nestes tipos de contextos, pois são marcados pelo uso de pronomes igualitários ou de intimidade, conforme Brown e Gilman (1960). É interessante perceber, porém, que nas relações hierárquicas temos o mesmo número de ocorrências de uma variante e outra. É neste momento que o fator tempo se mostra mais atuante por ser capaz de nos mostrar em que momento uma variante é mais usada que a outra e, em que momento a uma inversão neste uso. Com este cruzamento observamos que:

a) na primeira metade do século XIX, há um predomínio do uso da variante inicial maiúscula (56%) em contextos igualitários, da mesma forma que há um predomínio da variante inicial maiúscula em contexto hierárquico (56%);

b) na segunda metade do século XIX, há um aumento no uso da variante inicial maiúscula em contextos igualitários (42%) e, também, um aumento do uso da variante inovadora em contextos hierárquicos (67%); e

c) na primeira metade do século XX, há um uso majoritário da variante inovadora nos contextos igualitários (97%) e nos contextos hierárquicos, mantém-se a mesma porcentagem da 2ª metade do século XIX (67%).

Com todos esses dados podemos dizer que o fator tempo apresenta uma mudança gradual no sistema dos pronomes de trata-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

mento em que a forma canônica vai sendo substituída pela forma inovadora. Essa substituição acontece graças a uma alteração no tipo de referência social que passa de hierárquica para igualitária. A principal causa para essa alteração é a mobilidade social em que mudanças políticas e socioeconômicas estão levando uma sociedade profundamente baseada no poder, com hierarquia bastante definida para uma relação social solidária.

O Tipo de Referência no Endereçamento nos mostra que em contextos em que o remetente possui relações mais íntimas com o destinatário, o uso da variante inovadora é maior (nome 0.61, apelido 0.87, amigo 0.58). As menores probabilidades de ocorrência são com parentesco (0.35) e com as expressões “Ilustríssimo Senhor” e “Senhor” (0.47).

Endereçamento	No.	%	PR
Ilustríssimo Senhor e Senhor	59/143	41	0.47
Parentesco	49/93	52	0.35
Amigo	33/99	97	0.58
Nome	83/34	83	0.61
Apelido	26/27	96	0.87
Total	256/392	65	

**Tabela 6: Distribuição do uso de minúsculas em abreviaturas, conforme tipo de referência no endereçamento**

Esses dados são muito interessantes se os considerarmos como o perfil social da época. Aí teríamos as relações hierárquicas orbitando os endereçamentos dirigidos a pessoas que possuem posição social identificada na carta e os endereçamentos dirigidos a parentes, apresentando, este último, o menor peso relativo. Para que estes dados sejam realmente representativos de um perfil social é necessário que os observemos no tempo, pois o tempo delinea diferenças de uso dos endereçamentos, ou seja, cada período de tempo tem uma forma mais destacada de endereçamento, como pode ser visto no quadro a seguir:

	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX
Senhor Cappitam. Luis da Silva. Valle			
Ilustrissimo Senhor Alferes Modesto Antonio Machado de			

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Magalhães			
Meu Pai e Senhor			
Prima Sabina			
Prezada Sobrinha dona amiga Estima			
Minha Madrinha Senhora			
Meu muito. Amado Sobrinho e Senhor Manoel Teixeira			
Senhor João José Lopes da Cruz Fonte Boa			
Ilustrissimo Senhor Modesto Antonio Maxado de Magalhães			
Ilustrissimo Senhore Manoel Ferreira de Souza			
Ilustrissimo Senhoro Manoel Teixeira de Souza			
Ilustrissimo Senhor Antonio Loiz Moxado de Magalhães			
Ilustrissimo Senhor			
Minha Senhora			
Minha Mana			
Minha Rezadissima			
Ilustrissimo Senhor Antonio Martins			
Ilustrissimo Senhor Emygdio Roberto			
ao Cidadão Ramos Amigo e Senhor			
Minha Tia e Senhora			
Mana [corroído] e Comadre. do Coraçam			
Minha Tia			
Meu Padrinho e Senhor			
Meo sempre lembrado Padrinho			
Ilustrissima Soror do Convento			
Ilustrissimo Senhor Antonico Alemão			
Misael, meu querido netinho do Coração			
Misael, meu querido neto e amigo			
Meu querido Misael			
Queridos Christiano e Misael			
Meo Querido Neto Mizael			
Meo Querido Neto			
Meos Queridos Netos Christiano e Mizael			
Minha Querida Filha Virginia			
Prezado Primo Arlindo			
Meu Respeitável Tio			
Querida Prima e Amiga abraço-te			
Mamãe			
Mamãe Pessoa-vos abençoção e Papai			
Querida Tia Sinhá Saudades!			
Caras Primas Nanhá, Sinhá e Belica			
Prezada Irmã			
Saudação-es Prezada Irmã			
Saudosa Sobrinha Lurdes			
Saudoso Sobrinho Caetano Saudades			
Bondosa irmã Sinhá			
Meu amável primo			

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

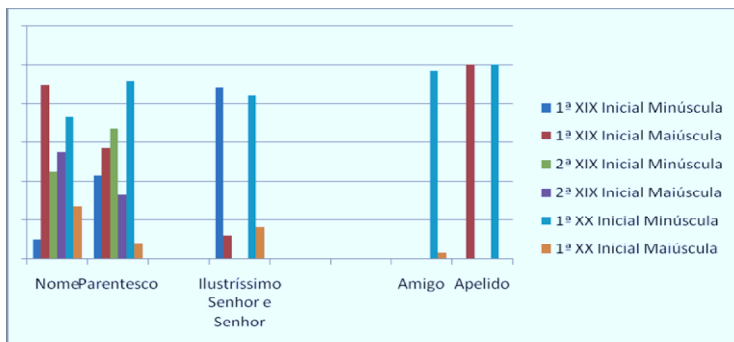
Querido Arlindo			
Para Senhor Arlindo Agostinho Ramos			
Arlindo			
Meu querido mestre Arlindo			
Arlindo Deus que te abençoe e proteja			
Illmo Senhor Arlindo			
Arlindo Saudações			
Illmo Senhor Lindoripho			
Lindoripho			
Evangelina			
Saudações Lindoripho			
Bondosa Quirina			
Amigo e Senhor Arlindo Agostinho Ramos			
Meu Amigo Lindoripho			
Amigo João Lino			
Inesquecível Amiguinha Vagica			
Cara Amiguinha			
Amigo Tónico			
Bondosa Amiguinha Sinhá			
Bondosa Amiga Sinhá			
Incomparável			
Simpática meiga e Amorosa			
Vagica			
Maspna Casbeco Enlurco			
Sinhá			
Saudosa Gica			
Vagica Uma bençam visita e abraço			
Meu Caro Antonico			
Saudosa Sinhá			
Caríssima Sinhá			
Belica, minhas Saudações			
Sinhá, Muitas Saudades			
Barzurho			

**Quadro 3: Distribuição dos tipos de endereçamento, conforme o tempo.**

O quadro nos mostra que o uso de “Ilustríssimo” e de “Senhor” é preponderante no século XIX, principalmente na sua 1ª metade, na 2ª metade do XIX já são introduzidas às expressões de parentesco e amizade. Já o século XX é marcado pelo uso de nomes e expressões mais doces e amigáveis, demonstração clara de intimidade entre remetente e destinatário. Este quadro já nos sugere um enquadramento que pode ser verificado no gráfico 2 já que nele apresentamos, em números, a análise qualitativa acima apresentada.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

No gráfico a seguir temos qual o tipo de endereçamento ocorre mais de acordo com os três períodos de tempo.



**Gráfico 2:**

**Cruzamento do fator tipo de referência no endereçamento com o fator tempo**

Observa-se no gráfico o uso crescente de minúsculas com todos os tipos de endereçamento, nos três períodos de tempo. Duas interpretações podem ser aventadas: ou o grau de hierarquização foi diminuindo, por isso a violação das normas foi sendo mais aceita ou o grau de hierarquização social se manteve e o uso de minúsculas reflete a recategorização do item abreviado nome > pronome. Por enquanto deixemos essa discussão em suspenso.

Considerando as tabelas e gráficos acima podemos perceber que o tipo de endereçamento condiciona o uso da variante inovadora.

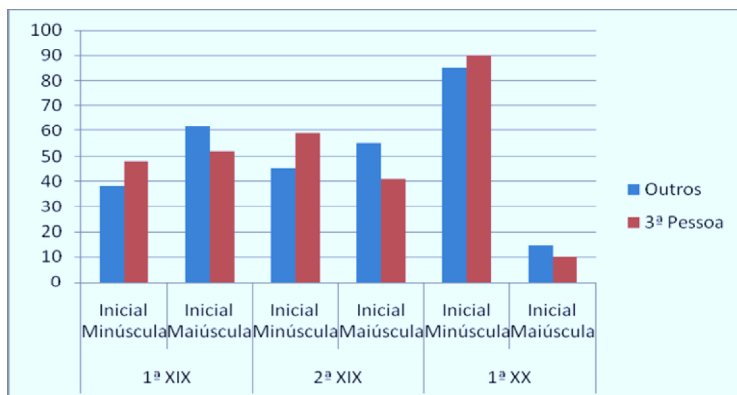
Na variável Pessoa do Verbo, a probabilidade de ocorrência da variante inovadora com o verbo na 3ª pessoa é 0.56 e de outros 0.40.

Pessoa do Verbo	No.	%	PR
3ª pessoa	181/241	49	0.56
Outros	75/151	75	0.40
Total	256/392	65	

**Tabela 18:**

**Distribuição do uso de minúsculas em abreviaturas, conforme pessoa do verbo**

No cruzamento da pessoa verbal com o tempo temos um aumento do uso da 3ª pessoa da 1ª metade do século XIX para a 1ª metade do século XX.



**Gráfico 3: Cruzamento da variável pessoa do verbo com a variável tempo.**

Observa-se na tabela o uso crescente de minúsculas com a terceira pessoa verbal. Aqui também temos indícios apontando para uma das interpretações aventadas acima, a saber: o uso de minúsculas reflete a recategorização do item abreviado nome>pronomes.

Assim, ao controlarmos a pessoa do verbo percebemos que, além da 3ª pessoa ser a mais usada na maioria dos períodos de tempo, o seu uso foi aumentando gradativamente em detrimento de uma diminuição do uso das outras pessoas verbais. Esse perfil corresponde à estabilização do estatuto pronominal dos itens abreviados com minúsculas.

A partir da análise qualitativa e da análise quantitativa feitas acima, observamos que há uma sistematicidade de uso das formas abreviadas. E essa sistematicidade pode ser representada pela perda de letras e diacríticos ao longo do tempo e também pela alteração no uso das iniciais das abreviaturas que deixou de ser maiúsculo e passou a ser minúsculo. Assim sendo, essas alterações nas abreviaturas podem indicar que sejam representantes de estágios intermediários do processo de gramaticalização do pronome. Como evidência do que acabamos de dizer temos:

- 1) a existência de abreviaturas que, aparentemente, não correspondam ao Vossa Mercê, como Vac<sup>e</sup> e vo<sup>ce</sup>.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

2) a relação, no manual ortográfico da Academia Brasileira de Letras, da abreviatura do Vossa Mercê ao Vm<sup>ce</sup> e da abreviatura do vossemecê ou do vosmecê ao vm<sup>ce</sup>.

3) a entrada do Você no sistema primeiramente com a inicial maiúscula e depois com a inicial minúscula.

Com base nestes fatos podemos dizer que as maiúsculas indicam tratamento de cortesia e reverência e, portanto, uso não pronominal dos itens. Desse modo se explicam os condicionamentos em relação ao tipo de interação, tipo de endereçamento e assunto explicados na análise quantitativa explicada anteriormente.

Os estágios que representam a relação pronome/abreviatura podem ser verificados através da análise das ocorrências de Vossemecê e de Vosmecê em peças de teatro. Essas duas formas são encontradas em peças escritas no mesmo período em que são usadas as abreviaturas correspondentes a essa forma, 2ª metade do século XIX (maiores detalhes, ver Chaves (2006)).

Podemos, assim, apontar a 2ª metade do século XIX como o provável período que esta etapa do processo de gramaticalização se deu. Esta etapa é marcada pela queda de segmentos [a] e [r] em Vossa Mercê. A pronúncia portuguesa teria neutralizado a realização vocálica do [a], tendo como resultado vossa>voss'. A queda do [r] medial se deu por ser um processo recorrente na língua portuguesa e teve como consequência o obscurecimento do sentido de mercê.

Assim pudemos determinar o seguinte percurso:

VM > Vm<sup>ce</sup> > vm<sup>ce</sup> > vo<sup>ce</sup> > você

Vossa Mercê > Vossa Mercê > vossemecê ou vosm'cê ou forma plena (Tratamento) vosmecê voscê

Os estudos de gramaticalização sobre esse item não apresentaram uma datação de duas das etapas do processo: título > perda do título > aquisição do pronome e sintagma nominal > item lexical > pronome. Com este trabalho conseguimos delimitar a segunda metade do século XIX como sendo o período em que essas alterações se efetivaram.



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Conseguimos delimitar a importância que a variável extralingüística *Tipo de referência no endereçamento* desempenha no processo de compreensão das relações existentes entre remetente e destinatário. Pudemos a partir dessa variável e da variável Tipo de relação social obter resultados muito próximos dos encontrados por Rumeu (2004), Lopes e Duarte (2003, 2004) e Silva e Barcia (2002).

O empecilho colocado por Fontanella de Weinberg a respeito das abreviaturas mascararem a qual estágio da transformação pronominal as abreviaturas pertencem, pode ser relevado uma vez que através de nossas análises conseguimos comprovar que as abreviaturas podem indicar a que estágio pertencem. Mais que isso é possível inseri-las nesse processo de gramaticalização. Isso graças ao fato de as abreviaturas evoluírem no eixo do tempo por não serem indiferentes às transformações que afetam o item.

Com isso buscamos contribuir para a descrição do processo de gramaticalização *Vossa Mercê/ Você* e ainda ampliamos o objeto da teoria da variação, incorporando nele fenômenos peculiares à escrita propriamente dita.

### REFERÊNCIAS

ABREVIATURAS. Disponível em:

<[http://www.belcart.com/belcart\\_es/como\\_esc/c\\_abreviat.html](http://www.belcart.com/belcart_es/como_esc/c_abreviat.html)> Acesso em: 18 jun. 2006.

BROWN, Roger e GILMAN, Albert. *The Pronouns of Power and Solidary: Style in Language*. Ed. Thomas Sebeok. Cambridge MA: Massachusetts Institute of Technology, 1960. p. 65-97.

CHAVES, Elaine. *A implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. Dissertação de Mestrado.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: UNESP; Secretaria de Estado da Cultura. Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz. *Fórmulas de Tratamiento en el Español Americano (Siglos XVI y XVII)*. In: \_\_\_\_.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(Org.). *El español en el nuevo mundo: estudios sobre historia lingüística hispanoamericana*. Washington, DC: OEA/Colección INTERAMER, 1994. p. 1-15.

GONZÁLEZ, Félix Rodríguez. Variación tipográfica en el uso de las “abreviaturas” (2002). Disponível em:

<<http://www.ucm.es/info/especulo/cajetin/abreviat.html>> Acesso em: 18 jun. 2006.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Blackwell: Oxford e Cambridge USA, 1994.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, Célia Regina dos Santos e DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. O tratamento em cartas escritas no Brasil: séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, Jânia M. e ALKMIM, Mônica G. R. *Para história do português brasileiro*. Estudos sobre mudança linguística e história social, v. V. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

LOPES, Célia Regina dos Santos e DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo e MOTA, Maria Antonia (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. 1. ed. Rio de Janeiro: [s/e.], 2003. p. 61-76.

MARQUILHAS, Rita. *O original da imprensa e a normalização gráfica no século XVIII*. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1988.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma história da pronominalização de “Vossa Mercê” na língua portuguesa: uma abordagem sócio-funcionalista*. Disponível em: [http://www.gel.org.br/4publica-estudos2004\\_comunics/para\\_uma\\_historia.pdf](http://www.gel.org.br/4publica-estudos2004_comunics/para_uma_historia.pdf) Acesso em: 26 abr. 2005.

SILVA, Andreza e BARCIA, Lucia Rosado. Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX. 4,1. *Revista Ao Pé da Letra*. Recife, 2002. p. 21-30.

TIN, Emerson (Org.). *Arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam e Justo Lípio. Campinas: Unicamp, 2005.